

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

ESTADO  
UNION  
MUNICIPAL  
RURAL  
URBANO  
TOTAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA ARARA DOIRADÃO:

I N T R O D U Ç Ã O :

Os remanescentes dos índios Arara do Doiradão, hoje dispersos ao longo dos rios Aripuanã, Gueriba e cidades de Aripuanã, Ariquenes, Humaitá e Manaus, incluem-se na categoria de índios desaldeados ou destribalizados que ainda se percebem diferentes dos regionais em graus variados, e assim são percebidos. Ao incluí-los nesta categoria, estamos lançando mão de conceitos, definidos na Antropologia Social, que serão abordados aqui, devido a especificidade da história de contato deste grupo indígena com a sociedade nacional e, a situação atual em que estão inseridos. Não se trata, entretanto, de uma abordagem extensa do tema, devido a complexidade teórica da questão, mas sim, de algumas definições indispensáveis para o entendimento da situação deste grupo indígena e, sustentação da proposta de Área elaborada a partir do levantamento realizado pelo GT constituído pela Portaria 1761/86 e 515/87. O GT contou com a participação imprescindível do índio Arara Rodrigo Vela, principal informante, do servidor Egipson Nunes Correa, Técnico Indígenista, Chefe do PIn Sararé, solicitado pela Coordenadora

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

GT para prestar atendimento de saúde às famílias visitadas, devido a longa experiência deste servidor, nesta área.

O levantamento de campo foi realizado a partir do dia 21 de abril, tendo os integrantes do GT retornado entre os dias 20 de maio e 12 de junho. O sobrevôo da Área somente foi realizado nos dias 3 e 4 de agosto, devido as dificuldades em conseguirmos aeronave disponível para tal finalidade. A Coordenadora do GT permaneceu na Área, os últimos dez dias, juntamente com o servidor Egipson Nunes Correa, para a complementação de dados junto a algumas famílias Arara no rio Aripuanã. Cabe aqui uma observação da Coordenadora do GT: A equipe, durante o transcurso do trabalho de campo, manteve-se a maior parte do tempo ociosa, no que diz respeito ao levantamento em si, com exceção do servidor Egipson Nunes Correa, que, além de prestar assistência de saúde, interessava-se em percorrer as roças e estradas de seringa das famílias visitadas. Sugiro, que a partir desta, e provavelmente, de outras experiências, que se possam realizar os trabalhos de Identificação de Área em duas etapas: A primeira, com a participação do Antropólogo, Agrimen~~ser~~ ser e/ou Atendente de Enfermagem, incumbir-se-á em definir os limites da Área; a segunda, referente ao levantamento fundiário, realizar-se-ia numa segunda etapa. Esta sugestão prende-se a casos específicos de Áreas de índios desaldeados, espalhados por área muito extensa e que um GT muito grande, além de onerar os custos do trabalho, é torna contraproducente, na medida em que as atividades de cada componente são bastante distintas, em particular a do Antropólogo, que necessita de um convívio maior com o grupo indígena, para ter um entendimento mais amplo da história e realidade do mesmo.

*Stautco*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Para realizarmos o levantamento junto as famílias de índios Arara dos rios Guariba e Aripuanã, foi necessário alugarmos dois barcos, dois motores de "rabeta" e contratarmos dois pilotos (práticos) para percorrermos mais de 1.000 quilômetros de rio, durante quarenta dias. O percurso fluvial iniciou-se no rio Guariba, afluente da margem esquerda do rio Aripuanã. Chegamos ao rio Guariba, através da estrada de Panelas, partindo da cidade de Aripuanã. Resolvemos descer o rio a partir deste ponto, pois as informações colhidas preliminarmente junto a família de índios Arara que vivem na cidade de Aripuanã, nos indicaram não haver nenhuma família habitando no curso do rio, acima da ponte que liga a estrada de Panelas. Após atingirmos a boca do Guariba, já no Amazonas, onde estivemos com famílias dos remanescentes Arara, nos dirigimos à localidade denominada Matá-Matá, margem direita do rio Aripuanã, à beira da Transamazônica. Nesta localidade encontramos algumas famílias Arara. Prosseguimos descendo o rio Aripuanã até a colocação do Chico Paulo, índio Arara, próximo a localidade denominada Praínha. A partir daí, iniciamos a subida do rio Aripuanã, sempre nos guiando pelas informações dadas pelas famílias já visitadas e seringueiros habitantes do beiradão, para localizarmos as colocações habitadas por remanescentes dos índios Arara. Chegamos até a cidade de Aripuanã, porém não podendo percorrer todo o curso do rio do mesmo nome, onde se encontravam as famílias, com as quais tínhamos por objetivo realizar o levantamento. Isto se deu por motivo de problema de saúde com membro da equipe, levado direto para a cidade de Aripuanã, e pelo fato de, o segundo barco, ter retornado à remo até balça do rio Aripuanã, devido a falha do motor (peça quebrada). Foi preciso nos reorganizarmos para percorrer a parte do rio onde

*Auto*



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

fora impossível realizar o levantamento, e particularmente, entramos no rio Branco até a divisa da Área Indígena Aripuanã - no paralelo 10 - Área apontada como de interesse dos índios Arara. Após a ida ao rio Branco, parte da equipe retornou a Cuiabá, com objetivo de solicitar aeronave para fazer sobrevôo da Área, tendo permanecido na região, a Coordenadora do GT e o Técnico Indigenista fazendo atendimento de saúde, quando retornaram até a boca do rio Mururu, afluente da margem direita do rio Aripuanã. Nesta última etapa, realizou-se levantamento de famílias Arara não visitadas, e ainda, referente a presença de índios isolados, entre o rio Mururu e igarapé Pacutinga.

A equipe, além do Suprimento de Fundos, não pôde contar na área com apoio da FUNAI, devido a inexistência de Posto, rádio comunicação, etc. . Mesmo o contato telefônico, via único rádio da cidade de Aripuanã, com a 2ª SUER, tornou-se bastante dificultoso e nem sempre possível. A ADR de Vilhena nos cedeu um Toyota para o transporte da equipe e mantimentos, de Vilhena até a beira do rio Guariba, o que facilitou nosso deslocamento na cidade de Aripuanã, objetivando encontrar quem pudesse nos alugar barcos e motores, já que a chegada da equipe naquela cidade, por mais discreta, levantou muitas expectativas, sendo atribuída a questão do garimpo Ouro Preto. Observamos inclusive uma certa dificuldade em conseguirmos os barcos, justamente por se tratar de equipe da FUNAI.

Os rios percorridos são bastante encaixilhados, tornando a navegação mais propícia na época em que os mesmos começam a beixar as águas (abril e maio), diminuindo a velocidade das corredeiras, sem no entanto, estarem os compridos e sucessivos pedregais, quase que totalmente descobertos pelas águas. Os pontos mais difíceis do percurso foram: a cachoeira do Ri

*Jan 83*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

beirão, no rio Guariba (AM), tendo sido necessário descerregar todos os montimentos, combustíveis, etc., três vezes, para ultrapassá-la; o "Grande Furo", que forma um imenso funil, em Natá-Matá, (AM) não mais estando, na época, em atividade devido aos níveis da água, e a cachoeira de Samaúma (AM), onde um de nossos barcos quase virou com toda a equipe a bordo. Acha-mos importante relatarmos estes pontos, para que sirvam de orientação a outras equipes da FUNAI que possam retornar a região.

O levantamento fundiário ficou à cargo dos representantes do INCRA e do INTERMAT, ao longo dos rios Guariba e Aripuanã.

Para obtermos um perfil da realidade dos remanescentes dos índios Arara, abordaremos neste trabalho os seguintes fatores, utilizados enquanto critérios de Identificação de áreas:

1 A - HISTÓRICO DOS ÍNDIOS ARARA DO ARIPUANÃ:

Relatos orais e fontes documentais.

1 B - HISTÓRICO DOS ÍNDIOS ARARA DO GUARIBA:

Relatos orais e fontes documentais.

2 - SITUAÇÃO ATUAL - A especificidade da realidade vivida pelos índios Arara, enquanto comunidade-obra extrativista, destribalização e reafirmação étnica.

3 - FRENTES DE EXPANSÃO QUE ATINGIRAM A REGIÃO:

Frente extrativista no início do século e frentes mineradoras e madeireiras atuais.

4 - DADOS DEMOGRÁFICOS DOS ÍNDIOS ARARA:

População atual e gerações anteriores.

Caracterização de relações matrimoniais entre índios e não-índios.

*Bastos*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

5 - ÁREA PROPOSTA PARA INTERDIÇÃO:

Limites, locais de ocupação indígena, ocupação de não-índios, caracterização jurídica, vias de acesso e recursos naturais.

\*\*\*\*\*  
*feitos*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

1 A - HISTÓRICO DOS ÍNDIOS ARARA DO ARIPUANÃ: RELATOS E FONTES DOCUMENTAIS.

Para que possamos nos aproximar da história do contato dos índios Arara do Aripuanã, baseamo-nos em três referências: o relato feito pelos índios, o relato feito por não-índios que conviveram e convivem com os Arara (seringueiros e habitantes da cidade de Aripuanã) e as fontes de documentação.

Fazendo uma avaliação das três referências descritas, observamos haver bastante coerência na sucessão dos fatos e da presença imemorial dos índios Arara na região do rio Branco, afluente da margem esquerda do rio Aripuanã.

Nos relataram os índios, principalmente Rodrigo Vela Arara, dos mais velhos e dos poucos que ainda falam a língua, que este teria nascido nas imediações do rio Branco, pouco tempo depois dos Arara terem estabelecido contato com os regionais (seringueiros). Atualmente Rodrigo está com aproximadamente 60 anos.

O contato deste grupo Arara efetivou-se, provavelmente, no início da década de 20. Nesta época, ocupavam a região compreendida entre o salto de Dardanelos e rio Branco, margem direita do alto Aripuanã. Viviam em malocas feitas de palha de Baboçu, com uma pequena entrada, habitadas por famílias extensas, sendo algumas próximas ao igarapé Poraqué. Confeccionavam redes de algodão e tucum, usavam o arco e flexa como arma de caça, pintavam-se de jenipapo (com vários "desenhos") e urucum, usando também uma pena de arara no lóbulo das orelhas e no lábio inferior. Confeccionavam cerâmica e faziam Chicha (bebida fermentada, feita de milho) e Caiçuma (de mandioca), que eram consumidas em rituais. A língua falada pelos Arara é do Trop



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Tupí, porém não foi possível proceder levantamento linguístico para se precisar a família. Provavelmente seja do sub-grupo Tupí-Kawahib (pelo contato entre estes e os índios Cinta-Larga, Tupí-Mondé, não puderam entender a língua falada pelos últimos, apesar de algumas semelhanças entre as duas línguas). Até a época do contato, viviam da caça, pesca e coleta, plantando pequenas roças de mandioca, milho etc.. Eram em torno de 10 famílias.

Antes do contato entre os índios Arara e regionais, ocorreram muitos embates entre este grupo indígena e os índios Orelha-de Pau (Rikbáktsa), Cinta-Larga e Cabeça-Seca (Zoró). Houve, inclusive, o caso de duas índias Rikbáktsa que foram trazidas pelos Arara, de um destes embates, sendo as duas irmãs, uma criança e a outra adolescente. Não fizeram referência, no entanto, de índios Arara que possam ter sido levados à convivência com outros grupos indígenas. Consideram-se de índole pacífica ou "mansos", mesmo antes do contato, comparando-se com os grupos indígenas citados acima.

Foi justamente em função dessas disputas havidas entre os índios Arara e os outros, que os primeiros buscaram o contato, voluntariamente, com os brancos. Nesta época, o rio Branco estava sendo ocupado pela frente extrativista que chegara àquela região, tendo a frente do peruano Alexandre Lopes, que se tornara dono de todos os seringais, compreendidos entre o salto de Dardanelos e a cachoeira de Samaúma, ao longo do rio Aripuanã. Alexandre Lopes, estabeleceu dois barracões no rio Branco, um próximo ao igerapé do Veadinho, gerenciado por Clegário Vela e o outro, na cachoeira da Palmeirinha, paralelo 10, gerenciado por Don Geraldo.

MOD. 119 - 210-997 Ao longo do rio Branco, fixaram-se várias famílias

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

de seringueiros, entre peruanos, venezuelanos, bolivianos e nordestinos (em particular cearenses) é ainda amazonenses. Todas as famílias aí situadas entregavam suas produções de seringa, caucho, balata, copaíba e castanha, nos barracões, em troca de mercadorias do tipo gêneros alimentícios, roupas, utensílios de metal, etc., sendo os produtos nativos escoados para Manaus.

Os índios Arara que viviam no interior da mata, passaram a observar a chegada dos brancos, deixando, ao redor das colocações, nítidos sinais de sua presença na região. Em seus relatos, afirmam os índios ter sido através do peruano Olegário Vela, conhecido também por "Delegado", que estabeleceram contato com os brancos. Olegário Vela os ensinou a trabalhar com o caucho e a seringa, fazendo com que as famílias, que até então viviam em malocas no interior da mata, viessem fixar-se paulatinamente às margens do rio Branco.

Vitor Hugo, em seu livro intitulado "Desbravadores", de 1959, assim descreve o contato:

— "OS ÍNDIOS VELA.

Desde 1923 nunca mais se fez nada de sólido pela catequese dos índios do Alto Aripuanã. Naquele ano, certo Olegário Vela encontrava-se extraindo caucho no Alto rio Branco, afluente da margem esquerda do rio Aripuanã, quando foi prêso numa cilada, por certa maloca de índios. Percebendo, entretanto, as intenções pacíficas dos raptores, deixou-se conduzir até a maloca. Permaneceu no meio deles a coisa de um mês, até convencê-los a acompanhá-lo à colocação para trabalharem na extração do caucho e, posteriormente, da borracha". (1)

D. Abigail, aproximadamente 75 anos, filha de vene-

*Hausto*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

zuelano com amazonense, morava no rio Branco quando os Arara estabeleceram contato, estando nesta época, com cerca de 15 anos. Conheceu as últimas famílias de índios Arara que ainda permaneciam nas suas malocas originais (duas malocas). Estas malocas localizavam-se próximas ao igarapé Poraqué (margem esquerda do Aripuanã). Refero-se a estes índios como "menços" e "pacíficos". Ao contrário da afirmação de Vitor Hugo, esta senhora nos relatou que os índios Arara usavam de fato, penas de arara nas orelhas e no lábio inferior (daí a denominação do grupo pelos brancos), além de uma tanga feita de algodão. Somavam aproximadamente 10 famílias, que inicialmente vieram para a beira do rio Branco, fixando-se ao lado do barracão de Olegário Vela. "Delegado" os ensinou a trabalhar com seringa, caucho, copaíba, coquerana (balata) e castanha. Nesta época, Alexandre Lopes era o dono dos seringais - o seringalista - do Salto Dardanelos até Samaúma-AM. Quando Olegário Vela, que apadrinhara os índios emprestando-lhes seu sobrenome, faleceu de febre, no início da década de quarenta, sua esposa, Ema, também peruana, casou-se com Don Geraldo, o outro gerente de Alexandre Lopes no rio Branco, e juntos, passaram a tomar conta do barracão de Olegário Vela. Alexandre Lopes veio a falecer, um ano depois de Olegário Vela, suicidando-se em Manaus. Sua mulher, Valentina, também peruana, casou-se então com Don Raul, peruano, gerente de Alexandre Lopes em Samaúma. Valentina e Don Raul passaram então a serem os donos dos seringais. Em meados da década de 50, Valentina partiu para Manaus e, para lá, levou consigo 3 famílias de índios Arara, quando do falecimento de seu segundo marido, em Samaúma. No final da mesma década houve uma epidemia de varicela entre os índios Arara, dizimando grande parte do grupo. Todos os que faleceram nesta época

MOB. 199. 40.597

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ção, também foram enterrados em cemitério na margem direita do rio Branco, altura do igarapé Voadinho, próximo ao barracão de Olegário Vela. Tivemos a oportunidade de visitar o cemitério e ainda pudemos observar os esteios do barracão, feitos de intaúba.

Com a saída de Valentina, do rio Branco para Manaus, seu filho Raul, vendeu os seringais do rio Branco para Pedro Correa. Tanto alguns índios Arara, quanto não-índios, que viveram nesta época no rio Branco, afirmam que na época de Alexandre Lopes havia fartura, mas, todavia, nas mãos de Pedro Correa, começaram a "arruinar", ao ponto de muitas famílias não terem mais o que vestir.

A partir do início da década de 60, as famílias começam a abandonar o rio Branco, em busca de trabalho em outros locais, vendendo a produção agora, dentre outros padrões, para marreteiros, "barracões ambulantes". Achei importante determe um pouco na história da ocupação do rio Branco pela frente extrativista, liderada por peruanos, pois que esta ocupação tem uma relação direta com a história dos grupos indígenas da região, em especial dos Arara. A documentação do SPI encontrada sobre esta região, refere-se justamente aos personagens narrados pelos índios e regionais, situando-nos claramente na viglância desencadeada contra povos indígenas, contexto em que se deu a chegada da frente extrativista na região amazônica.

Em documento de nº 30/6/19, do Delegado do SPI no rio Roosevelt, ao Inspetor do Amazonas e Acre, Bento P. de Lemos, fez-se referência a presença de muitas tribos indígenas no rio Aripuanã, com uma população em torno de dois mil índios, pelo número de malocas encontradas, "quase todos bravos". Anexo 1

*tantos*



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Em relatório do SPI, de 1920, o Inspetor do Amazonas e Acre, Bento P. de Lemos, considerando a existência de inúmeros povos indígenas dispersos por vastas regiões amazônicas, incluindo aí o Alto Aripuanã, MT, propõe a criação de "Postos destinados a tornar permanente e eficaz a proteção aos índios."

Anexo 2

Ao relatarmos a sua história, os índios Arara jamais mencionaram terem recebido qualquer tipo de assistência por parte do Governo ou do SPI. Os Postos sugeridos pelo então Inspetor do SPI, Bento P. de Lemos, funcionaram por curto espaço de tempo, tendo permanecido estes índios, à mercê da própria sorte, no contato com a sociedade envolvente. Em 1924, este mesmo Inspetor, elabora novo relatório sobre o assunto:

— "Outra medida que se torna inadiável é o restabelecimento dos Postos Indígenas dos rios Madeirinha, Guariba e Aripuanã, cujos serviços, por exiguidade de crédito, foram suspensos no momento em que elles vinham prestando reaes benefícios na defesa das terras e na segurança da vida dos selvícolas daquellas regiões.

E tão nobilitante era esta protecção que o ex-encarregado do primeiro Posto, Agésilao Carvalho Guilhon, foi covarde e barbaramente assassinado em 1922 por um dos faccínoras que infestam o valle do Aripuanã, quando tentava arrebatar do poder do assassino Alcino Pereira uma pobre índia que estava sendo submetida ás mais deshumanas sevícias.

A restauração desses Postos é mais que necessária, no momento actual, dada a falta absoluta de policiamento naquellas regiões onde seringueiros e caucheiros, peruanos e brasileiros, costumam agir obstinadamente, não respeitando os direitos dos civilizados tampouco dos selvícolas que são encontrados em zonas inacessíveis á vigilancia dos Delegados desta Inspectoria."



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Estes fatos se deram, justamente na época em que os índios Arara do Aripuanã, entraram em contato com os brancos, através justamente, de um caucheiro, que os ensinou a trabalhar na produção extrativista, absorvendo-os como mão-de-obra.

Em relatório do SPI de 1928, ainda o Inspetor Bento Pereira de Lemos, relata o massacre dos índios "Iamá", habitantes da região do Riozinho, acima da cachoeira "Passa, se Podes", à montante da cachoeira "Dardanellas", daquele rio", a mando de Alexandre Lopes - "O chefe despótico d'aquellas zonas, onde o trabuco e o punhal resolvem tudo." - para o qual trabalhava o legário Vela. Anexo 4

Encontramos referências sobre um grupo indígena, denominado "Nêcadês", que estaria dividido em dois, habitando o rio Aripuanã e o rio Guariba, em relatório da Inspeção do Amazonas, de 1941, do qual destacamos a seguinte passagem:

- " a) "A tribo dos Nêcadês, que, ha tempos, foi dizima da pela gripe, quasi na sua totalidade, hoje encontra-se dividida em dois grupos: um desses habita o Aripuanã e outro o rio Guariba. O grupo residente no Aripuanã consta de 26 pessoas, 9 homens, 11 mulheres e 6 crianças. Os Nêcadês estão pacificados e vivem em promiscuidade - com civilizados. Ao grupo do Aripuanã Don Raul del Aguila dá toda assistência. Tive oportunidade de ver e falar, em Samahuma, com três selvícolas, tipos fortes, de estatura regular, morenos, e expressavam-se regularmente em Português. Os demais, do grupo, estão no lugar Bom Sucesso, 48 horas acima dos limites do Amazonas, propriedade de Don Raul del Aguila." Anexo 16.

Vitor Hugo, pg. 208, ainda faz referência aos índios habitantes de três tombos no rio Branco do Aripuanã, somando em

*Santos*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

45 indivíduos. O GT teve a oportunidade de passar por este local, numa corredeira, onde o índio Rodrigo Vela Arara nos apontou como sendo um dos antigos locais habitado por eles. Existe ainda referência a índios Arara do Alto Aripuanã, com população estimada entre 100 e 200 índios. Anexo 6

Há no anexo 15, referência às violências praticadas contra índios do rio Aripuanã, documento este do SPI, do ano de 1927.

Alfredo M. Pinto, em "Apontamentos para o Dicionário Geographico do Brazil", de 1894, cita a existência de malocas de índios Araras, na parte superior do curso do rio Aripuanã, além de outras três tribos indígenas, os Hiauereté-Tapui, Anerá-Tapui e Matanaú. As informações contidas neste Documento, coincidem, em grande parte, com os fatos narrados pelos índios.

Os índios Arara do rio Branco, bem como, os do rio Guriba, definem-se como um único grupo, que dispersou-se antes de serem contactados. Don Raul del Aguila, foi o peruano que se casou com a mulher de Alexandre Lopes e passou a ser o dono das seringueiras, até Samaúma. Os índios nos relataram, que Don Raul teria levado algumas famílias para trabalhar em Semeúma e na localidade Bom Sucesso, hoje sede da fazenda de Marinho Brandão, na margem direita do rio Aripuanã.

No "Glossário Geral das Tribos Silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil", elaborado por Cândido M. S. Rondon e João Barbosa Faria, 1948, relacionam índios denominados Arara, localizados no rio Aripuanã, afluente do rio Madeira. Anexo 13

Há ainda outras referências quanto a presença de índios Arara na região do Rio Aripuanã, no entanto, por não terem

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

uma relação mais direta com a história oral destes índios, me obtenho de incluí-las aqui, porém constando como documentação anexa a este relatório.

Concluimos este item, observando que diante do que se conseguiu elucidar da história do contato destes índios, a convivência dos Arara com os seringueiros e sua absorção como mão-de-obra neste sistema de produção extrativista, os conduziu a destribalização, com dispersão das famílias, do seu habitat original e conseqüente ruptura na sua forma singular de organização social, não tendo estes perdido entretanto a relação com sua terra de origem.

#### 1 B - HISTÓRICO DOS ÍNDIOS ARARA DO GUARIBA: RELATOS ORAIS E FONTES DOCUMENTAIS.

Os índios Arara do rio Aripuanã e os índios Arara do rio Guariba, se auto-definem como uma única tribo indígena, que ocupavam, além da região descrita no item anterior deste trabalho, o igarapé do Moacir e o rio Novo, no Alto Guariba. Teriam se dispersado, antes do contato com a sociedade envolvente, que se deu por frentes diferentes. A memória tribal dos índios Arara do Guariba, nos esclarece pouco da história do contato deste grupo. No entanto, nos permitimos afirmar, que os Arara do Guariba têm mais tempo de convivência com os regionais, que os Arara do Rio Branco.

A índia Arara, das mais velhas, que reside na cidade de Aripuanã, Nazaré, com aproximadamente 75 anos, nos relatou que quando nasceu, os Arara do Guariba, já estavam inscritos na produção extrativa do rio. Outro dado relevante acerca dos

*Jauros*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI

te grupo, indica que a população Arara, que se estabeleceu ao longo do rio Guariba, após o contato, era bem mais numerosa que os Arara do rio Branco. Um grupo teria sido contactado no igarapé Moacir, e, o outro, no rio Novo, ambos afluentes da margem direita do rio Guariba. É curioso observar, que as cabeceiras do igarapé Moacir e do rio Novo, confundem-se com as cabeceiras dos 3 igarapés principais do rio Branco, citados pelos índios Arara do rio Branco, como locais de ocupação antiga (igarapé Veado, igarapé Taboca e igarapé Encrenca).

Os Arara do Guariba também fazem referência aos embates havidos entre estes e os índios Cabeça-Seca (Zorós) e principalmente Cinta-Larga. A índia Arara do Guariba, mais velha, Maria Chapuri, recusou-se a falar do passado, e inclusive não assume claramente sua antecedência. O pai de Maria Chapuri foi morto pelos índios Cinta-Larga e, após as peregrinações de sua família pelos rios Guariba e Aripuanã, hoje vive na cidade de Aripuanã, em condições precárias. Todos os seus parentes afirmam que ela ainda fala a língua e tem a memória mais viva do passado de seu povo. Seu filho Eduardo foi expulso, ano retrasado, juntamente com mais 5 famílias de seringueiros, da colação que ocupava na boca do rio Canumã, afluente da margem direita do Aripuanã, negando-se a falar sobre qualquer assunto que diga respeito ao fato.

Após o contato, os Arara do Guariba se dispersaram nos seringais ao longo do rio, principalmente entre os locais denominados - igarapé Poção e corredeira das Toalhas. Referem-se ao Chefe Caetano, como o grande Chefe Arara do Guariba. Trabalharam para o seringalista Don Antônio Aleixo, que era dono dos seringais. Pedro Adolfo foi dos primeiros seringalistas que

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI

trabalhou com os Arara, após o contato. Pedro Adolfo, teria fornecido documentação da terra compreendida entre o igarapé Poção até as Toalhas, para o Chefe Caetano. Tal documentação seria um contrato para exploração de seringa, sendo que os filhos de Nazaré, que vivem em Manaus, procuraram tal documentação nos Cartórios, sem nada terem encontrado. Após a morte do Chefe Caetano, os documentos desapareceram. Na área abrangida por este documento, hoje existem fazendas e a mesma foi cortada pela estrada de Panelas que leva ao Projeto Fillinto Muller do INCRA.

A mesma descrição feita pelos Arara do Guariba, referente aos aspectos de sua cultura antes do contato, coincidem com os Arara do rio Branco.

A documentação levantada, faz referência a presença de grupo indígena no rio Guariba, desde o início do século. Além dos documentos já citados, outros referem-se especificamente a existência de índios Arara no rio Guariba.

No levantamento bibliográfico, elaborado pelo Pesquisador Carlos Augusto, do Museu do Índio/RJ., o mesmo apresenta mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju - IBGE - no qual "baseando-se em informações e observações inéditas (não publicadas), Nimuendaju indica em seu mapa, a presença, em 1918, de índios Arara nos cabeceiras do rio Guariba. As origens dessas informações são supostamente os croquis do rio Aripuanã e afluentes, elaborados pelos servidores Henrique Magnani e Agésilau de Carvalho Guilhom, citados na bibliografia do mapa." Anexo 7

Em Documento da expedição Roosevelt e a Comissão Telegráfica, de 1916, de Rondon, encontramos referência a existência de índios no Guariba:

*Handwritten signature*



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI .

"Há, porém, abaixo da mencionada cachoeira, um afluente, o Guariba, regularmente povoado pela nossa gente, não obstante existirem nello também muitos índios. Segundo informações do Sr. Caripó, que é o maior proprietário do Roosevelt, os selvícolas do se afluente pertencem a uma tribo differente da que hostiliza os seringueiros do rio principal; aquelles são denominados Araras, e os outros serão, provavelmente de alguma tribo da grande nação dos Múras, da qual uma parte tem relações pacíficas com os civilizados, em outros rios." Anexo 12

A denominação a este grupo, pelos diversos autores, é pouco esclarecedora, pois quando nos deparamos com referência às etnias habitantes naquela região, no início do século, (Arara, Nêcadês, índios Vela, etc.) supomos, na verdade, tratar-se do mesmo grupo indígena enfocado neste trabalho, ou seja, os Arara.

Curt Nimuendajú, in Journal de la Société des Américanistes, de 1924, assinala a presença de índios Arara nas cabeceiras do rio Guariba. Anexo 9

Para se ter uma reconstituição da história dos Arara, especificamente do Guariba, se faz necessário um convívio bem maior com as famílias remanescentes deste grupo. Porém, as evidências do local de origem deste grupo indígena são suficientes para indicar a área de interesse do mesmo.

\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*

*Santos*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

2 - SITUAÇÃO ATUAL - A especificidade da realidade vivida pelos índios Arara enquanto mão-de-obra extrativista — destribalização e reafirmação étnica.

Como foi abordado na primeira parte deste trabalho, os índios Arara foram contactados pela frente extrativista, que alcançou a região da bacia do rio Aripuanã no início deste século, e conseqüentemente, absorvidos como mão-de-obra deste sistema produtivo, ao contrário de outros grupos indígenas, habitantes das regiões limítrofes, que mantiveram-se autônomos por mais tempo (Cinta-Larga e Zoró).

Todas as famílias de índios Arara, quer do rio Guariaba como do rio Aripuanã, têm seu meio principal de sobrevivência baseado na atividade de extração de seringa. Extraem também outros produtos como a castanha e a copaíba, que são vendidos aos marreteiros, além de produzirem farinha d'água para o consumo interno e comercialização. Há famílias que vivem nas "periferias" das cidades de Aripuanã, Humaitá, Ariquemes, etc., que trabalham sem ofício definido, sem terem terra para plantar o mínimo de produtos necessários a subsistência. Aquelas famílias que permanecem habitando o beiradão, além da atividade extrativista, plantam pequenas roças, já que a época de dorubada, cuivara e plantio, coincide com a época em que se permite a extração da seringa.

A população Arara está dispersa em colocações habitadas por famílias nucleares, que visitam-se quando é possível, não havendo nenhum elo entre estas, em função de um determinado evento social, relacionado com sua organização social de origem. Consideram-se "caboclos", parentes entre si, descendentes

*Amorim*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - F U N A I.

tes da tribo Arara. Estão inseridos num sistema de produção, em que por mais que trabalhem e produzam, ficam o dever ao "patrão", na figura do marreteiro intermediário, já que não mais existem os antigos barracões situados em determinados locais dos rios. Os marreteiros costumam recolher a produção duas vezes por ano - agosto e novembro - em troca de mercadorias. Entre algumas famílias, observamos, que a comercialização de sua produção só pode ser feita com determinado marreteiro, enquanto entre outras, há possibilidade de se realizar com mais de um intermediário.

A relação secular que envolve o índio produtor e o patrão, está calcada num sistema em que o índio produtor está sempre a dever para o marreteiro, passando a dívida de pai para filho e de irmão para irmão. A mercadoria fornecida pelo patrão, proveniente de Manaus, chega à região à preços aviltantes, enquanto que o preço pago pela borracha, jamais acompanha os aumentos estipulados pelo Governo. Os produtores, apesar de cientes, através dos noticiários de rádio, dos preços oficiais da borracha, não têm um mecanismo de pressão capaz de fazer valer seus direitos. Os índios Arara inseridos nesta realidade, são afetados, não tendo até o momento sua terra garantida, sendo explorados economicamente. Os marreteiros, atuais patrões, detêm o domínio do comércio dos produtos e mercadorias, valendo-se inclusive da falta de instrução reinante entre as populações ribeirinhas, facilitando a sujeição destes a um trabalho sem remuneração à que são subjulgados através dos tempos.

Cada colocação habitada por uma família nuclear tem geralmente mais de uma "estrada" de seringa. "Estrada" é a picada aberta na mata, alcançando no seu percurso várias seringueiras. Há estradas de 200, 400, 600 ou mais seringueiras que

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

são percorridas diariamente. A maioria das famílias Arara, o cupam neste trabalho todos os membros da família, com exceção das crianças, que a partir dos 6 anos podem mesmo acompanhar os adultos, ajudando no carregamento de alguns utensílios, ou arma, no percurso pela mata. As mulheres participam do trabalho do corte da seringa, existindo em algumas colocações estradas que só são por elas trabalhadas, além de cuidarem da casa e do plantio da roça. Saem para o trabalho, antes dos primeiros raios de sol, retornando por volta de meio-dia. Após "cortar" toda a estrada, por alguns dias, e fixar as tigelas que recebem o leite, passam recolhendo o coalho ou "sernambi", que é levado para a prensa, e em seguida armazenado para ser entregue ao patrão, em troca de mercadorias. Os filhos que vão se casando, abrem novas colocações, geralmente próximas às dos pais.

Na maneira específica de exploração dos seringais e subsistência das famílias que vivem nas colocações, encerra-se uma relação de homem com o meio-ambiente, onde, de maneira geral, não há espaço para a depredação.

De todas as famílias de remanescentes Arara visitadas, a única que detém contrato particular de permissão para a exploração de seringal e castanhal, é a família do Batista, que vive na colocação Marau, na margem esquerda do rio Aripuanã, próximo a boca do igarapé Pacutinga. Apesar de morarem a 20 anos neste local, e de terem assinado o mencionado contrato, sentem-se totalmente inseguros quanto a sua permanência no local. Um mês antes da nossa chegada à esta colocação, receberam ameaças para saírem do local, através do gerente de Marinho Brandão, "proprietário" de extensa faixa de terras especificadas no contrato. Como todas as famílias, já fizeram sua peregrinação



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

pelos rios Guariba e Aripuanã, antes de instalarem-se neste local. Abaixo, transcrevemos trechos do contrato, observando-se entre outras questões, que o mesmo não garante a esta família a posse definitiva da área de onde tiram sua subsistência, ao contrário, tornando-a vulnerável, à mercê do permissionário que faz as mais absurdas exigências (fora do contrato), como por exemplo, do Batista ter que permitir o casamento de sua filha mais velha com o "Antonhão", gerente de Marinho Brandão, a contra-gosto.

C O N T R A T O :

ORGANIZAÇÃO DE TERRAS BRASIL NORTE LTDA. Avenida João Gomes Sobrinho, nº 98.  
Fone: 321.9282  
CEP 78.000 - Cuiabá  
Estado de Mato Grosso.

Contrato particular de permissão para exploração de seringal e castanhal.

- 2 - Pelo presente concede, por prazo indeterminado, ao permissionário, a título gratuito, o direito de explorar seringais nativos e castanhais existentes dentro das glebas mencionadas, onde pode efetuar pequena roça para sustento e casa de moradia, benfeitorias estas que serão incorporadas aos imóveis, não cabendo ao permissionário qualquer indenizações pelas mesmas, ou direito de retenção; (grifo nosso)
- 3 - O produto colhido pelo permissionário lhe caberá por inteiro, não tendo de pagar qualquer parcela por arrendamento, parceria ou aluguel, cabendo-lhe, apenas a obrigação de zelar pelos bens da firma e de evitar a turbação de posse por terceiros, ou a entrada de intrusos, que deverá comunicar imediatamente ao encarregado da firma permitente;

*Santhos*



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI .

- 4 - Fica assegurado a firma permitente o direito de preferência na aquisição da borracha, ...
- 5 - Embora por prazo indeterminado, o presente contrato, poderá ser rescindido por qualquer das partes, bastando notificar por escrito à outra parte, com antecedência de 30 (trinta) dias, devendo, neste caso, e no prazo acima o permissionário desocupar a área sem necessidade de interpelação ou notificação indicial, sob pena de constituir esbulho e poder a firma se reintegrar imediatamente, por sua própria força nos termos do Artigo 502 do Código Civil, uma vez que a permissão ora concedida o é nos termos do Artigo 497 do Código Civil, e os atos permitidos ao permissionário não induzem posse, que será exercida em nome da firma;
- 6 - A exploração deverá ser feita apenas pela família do permissionário;
- 7 - Ao permissionário é expressamente proibido a derrubada de matas sobre qualquer pretexto, com exceção da área para localização da casa e roçado para subsistência, não excedendo a 5 ha. ...
- 9 - Fica proibido ao permissionário a atividade de garimpagem ou exploração mineral, sendo que a concessão mineral dessa área pertence a Caúamã Mineração Ltda, com CGC nº 14.970.008/0001-92;

Aripuanã, 10 de julho de 1982

obs.: assinatura ininteligível.

ORGANIZAÇÃO DE TERRAS BRASIL NORTE LTDA.

Antônio Batista F. de Souza

PERMISSIONÁRIO.

TESTEMUNHAS:

Antônio Bernadino

assinatura ininteligível.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Em uma passagem do livro "Os Índios e a Civilização", de Darcy Ribeiro, encontramos uma descrição que muito elucidada a condição histórica dos índios Arara, após o contato:

— "Para o índio, o seringal e toda a industria extrativa têm representado a morte pela negação de tudo que ele necessita para viver: ocupa-lhe as terras, dissocia sua família, dispersando os homens e tomando as mulheres; destrói a unidade tribal sujeitando-a ao domínio de um estranho, incapaz de compreender suas motivações e de proporcionar-lhe outras. Enfim, submete o índio a um regime de exploração, ao qual nenhum povo poderia sobreviver. Assim, diante do avanço desta "civilização" representada pelos extratores de drogas da mata só resta ao índio resistir, e quando isto se torna impraticável, fugir para mais longe, mata adentro, para as zonas altas onde não cresce a seringueira. Dentro da mata faltam muitos dos elementos fundamentais à subsistência e o suprimento de artigos de comércio aos quais se tinha acostumado, como as ferramentas, o sal e medicamentos para as moléstias estranhas que leva consigo, terra adentro."

(2)

Uma outra característica apontada por Ribeiro, diz respeito a cobiça dos homens brancos, pelo interior dos seringais, pelas mulheres indígenas, o que originou, uma forte migração de muitos grupos indígenas. Entre os Arara encontramos, a partir dos relatos, em gerações do início do século, alguns casos de casamento entre índia Arara e peruanos, nordestinos, etc., que se verificam também nas últimas gerações.

Dentro deste contexto, os índios Arara, abordados neste trabalho, se desaldearam e se destribalizaram, encontrando-se inscritos nas camadas mais pobres dos locais em que vivem. No entanto, identificam-se enquanto índios (caboclos, no dizer

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI.

dos regionais) e assim são vistos pela população ribeirinha local e da cidade de Aripuanã (profeitura, comerciantes, igreja, etc.). O principal fator de afirmação étnica, evidentemente, é a relação com a terra de origem, a qual acham-se com pleno direito de reconquistar.

Estas características, fundamentam a nossa posição diante da questão a nós apresentada, enquanto responsáveis em avaliar as peculiaridades da realidade vivida pelos remanescentes dos índios Arara, habitantes dos rios Aripuanã e Guariba."

Darcy Ribeiro, no mesmo livro citado anteriormente, aponta:

— "É preciso distinguir, portanto, duas posições polares de indianidade: O índio tribal e o índio genérico. Os primeiros são os que conservam, como os Kaapor ou os Kayapó seu ethos tribal e sua autonomia cultural. Os últimos, reduzidos a uma indianidade sem definição tribal, como os Potiguara, os Tuxá, já não falam a língua original nem conservam nada de seu patrimônio cultural, mas se identificam como Tuxá ou Potiguara, em face dos brasileiros, como forma particular de integração na sociedade nacional..." (3)

O nosso entendimento, a partir da observação "in loco", insere-se portanto, na abordagem sobre os Critérios de Identidade Étnica, elaborados por Manuela Carneiro da Cunha, no livro "Antropologia do Brasil", 1986, pg. 128: "

— "A identidade étnica de um grupo indígena é, portanto, exclusivamente função da auto-identificação e da identificação pela sociedade envolvente. Setores desta sociedade, portanto, ter interesse, em dadas circunstâncias, em negar essa identidade aos grupos indígenas, conforme já vimos acima, e é importante levar-se em conta esse fator. Uma pesquisa mais minuciosa e aprofundada, além de imparcial, na região, permitirá

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI.

dirimir essas dúvidas. Poderá ter havido, dados os preconceitos regionais contra os "caboclos" ou os "bugres", tendência à ocultação dessa identidade. Mas essa não desapareceu nem na consciência do grupo indígena nem na da população regional." (4)

Cabe aqui ressaltar, que ficou bem nítido para nós, a maneira como os regionais distinguem os índios Arara dos Cinta-Larga: "Eles são índios sim, mas sempre foram mansos." É interessante observar que sempre que ouvíamos referências aos índios Arara, diretamente era feita comparação com os índios Cinta-Larga, da Área Indígena Aripuanã, que vão com certa regularidade na cidade de Aripuanã, quando os últimos, são considerados "caboclos" ou "índios puros", ou "amancados" recentemente.

Evidentemente, a situação dos índios Araras, em termos sócio-econômicos, é a mesma dos seringueiros da região, pois ambos anseiam verem garantidos os seus direitos à posse da terra e das estradas de seringa, além de encontrarem alternativas que possibilitem a estas populações terem maiores garantias de comercializarem seus produtos, sem os intermediários (patrões e marreteiros) que tanto dificultam a sua sobrevivência nos seringais, através da exploração comercial.

\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*

*Fontes*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI.

3 - FRENTES DE EXPANSÃO QUE ATINGIRAM A REGIÃO - Frente extrativista no início do século e frentes mineradoras e madeireiras atuais.

Abordaremos rapidamente aqui, a chegada das frentes de expansão da sociedade nacional no início do século XX na região da bacia do rio Aripuanã, objetivando esboçar o quadro atual de ocupação da região.

Esta ocupação deu-se nos moldes da ocupação da Amazônia, nos finais do século passado e início deste, com a chegada da frente extrativista, marcando um período singular nas relações entre índios e brancos.

Atraindo uma grande massa de nordestinos, fugidos da seca, a frente extrativista alcançou território Amazônico, nas suas mais longínquas regiões, desencadeando uma perseguição de senfreada a muitos grupos indígenas. O produto cobiçado, inicialmente, era o látex extraído do caucho, espécie esgotada rapidamente, dado que para obtê-lo, fazia-se necessário derrubar a árvore. Em seguida, o produto principal procurado, passa a ser a seringa, que até os dias de hoje é comercializada no interior da Amazônia. Esta matéria-prima, alcança um papel desteável na economia do país, sendo exportada em larga escala, no final do século XIX e início do século XX.

Com o domínio do mercado internacional de comercialização da borracha, por outros países, a partir das primeiras décadas do século XX, inicia-se a decadência dos seringais com a desarticulação da empresa extrativa, desativando-se muitos barracões. Surge a figura do intermediário marretreiro, que paulatinamente passa a assumir o controle na comercialização da ca-



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ringa. Paralelamente, incrementa-se a ocupação das terras por empresas agro-pecuárias, desencadeando o processo de desmatamento, destruindo os seringaais e outras espécies nativas, meios de subsistência das populações ribeirinhas.

A chegada mais recente das frentes madeireiras e mineradoras na região, são devassadoras. Nas imediações da cidade de Aripuanã, observam-se grandes derrubadas, com objetivo inicial de comercialização de madeiras-de-lei, empreendimento este, liderado por colonizadores sulistas-brasileiros, que ocupam grande parte do interior dos Estados de Mato Grosso e Rondônia. A cobiça pelo lucro imediato é patente! Podemos ainda observar, na cidade de Aripuanã, que os cargos públicos e o comércio local são ocupados praticamente em 80% por sulistas, (principalmente paranaenses) estando a população, de origem amazonense e nordestina, inseridas nas camadas mais pobres da cidade. Parte dessa população é formada por famílias de seringueiros, que vêm sendo sistematicamente ameaçadas e expulsas de suas colocações, na beira do rio, por grandes empresas de colonização e grileiros de terra que chegam na região. Sem quase opção de trabalho na cidade, acabam muitas vezes, indo para os garimpos existentes na região. São os seguintes, os garimpos existentes:

- 1- GARIMPO DO NATAL - Localizado no igarapé Natal, margem direita do rio Aripuanã - baixa concentração de garimpeiros.
- 2- GARIMPO MARANHÃO - Localizado no igarapé Maranhão, margem esquerda do rio Aripuanã - melhor concentração de garimpeiros.
- 3- GARIMPO PORAQUÊ - Margem esquerda do rio Aripuanã - menor concentração de garimpeiros.

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 4- GARIMPO MURERU- Margem direita do rio Aripuanã - média concentração de garimpeiros, aproximadamente 60 indivíduos.

Além destes, há o garimpo do Ouro-Proto, localizado no interior da Área Indígena Aripuanã, recentemente reaberto para determinado número de garimpeiros, tendendo a aumentar sua população, devido a expectativa reinante na cidade, para funcionamento do mesmo, colocando em risco, a sobrevivência física e cultural, tanto de índios Cinta-Larga, quanto de índios isolados que têm deixado vestígios recentemente nas imediações do PIn Rio Preto.

Todos os garimpos são mecanizados e utilizam mercúrio em suas atividades, produto químico altamente poluente e nocivo para o homem, acarretando a degradação do meio-ambiente. Cabe aqui, uma pequena ressalva quanto a utilização do mercúrio que por sua vez é jogado nas águas de inúmeros rios e igarapés, atingindo diretamente muitos grupos indígenas que habitam áreas exploradas pela mineração, servindo-se de alguma forma, das águas e alimentos (peixes) contaminados pelo mercúrio. Em reportagem publicada pela revista Veja de 1974 - em anexo - é relatado o fato ocorrido em uma cidade japonesa, onde muitos habitantes, ao serem contaminados com mercúrio, através da alimentação de pescados, passaram por um processo de alteração genética, o que provocou o nascimento de muitas crianças com deficiências físicas e mentais. Caso não se freie e se fiscalize a crescente onda de proliferação desta atividade nas áreas indígenas, e também fora delas, este será mais um fator em que, daqui a alguns anos, estudiosos constatarão como um verdadeiro genocídio de muitas etnias ainda hoje existentes.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - F U N A I .

Nos deparamos com "equipe" de pesca predatória, utilizando redes de malha fina, "pescadores profissionais" que vêm exercendo atividade nociva ao meio-ambiente, com a anuência, pelo menos, da gerência da fazenda Bom Sucesso, segundo depoimentos. Nas proximidades da cidade de Aripuanã, não se pega peixe "nem com reza brava", no dizer dos regionais, devido a ação destes predadores, sem haver qualquer fiscalização, pois o escritório do IBDF em Aripuanã não abarca a fiscalização. A população ribeirinha é totalmente contra esta atividade e a que mais consequências sofre. O desmando é tão grande, que estes senhores "pescadores profissionais" têm livre acesso em qualquer ponto do rio, enquanto os índios Arara, bem como os ribeirinhos, são proibidos por pistoleiros, de jogar anzol, para sua subsistência, nas imediações da boca do rio Branco, afluente da margem esquerda do Aripuanã.

A cerca de dois anos foi aberta a estrada de Panelas que parte da cidade de Aripuanã e leva à sede do Projeto Fillinto Muller, de assentamento de aproximadamente 4.000 famílias de agricultores, em 50 hectares de terra, cada uma. Este Projeto não prevê o reconhecimento da população ribeirinha, essencialmente seringueira, já que os lotes de 50 hectares são diminutos para famílias de agricultores e, ainda mais, para os que vivem da extração de seringa.

Os grandes empreendimentos da região, englobando extensas áreas, estão a cargo da COTRIGUAÇU - Colonizadora do Aripuanã, abrigando enorme faixa de terras entre os rios Aripuanã e Juruena; a COLNIZA, que faz divisa com a COTRIGUAÇU; CLEDA MORERU, de "propriedade" do ex-Governador Júlio Campos, glebas de Marinho Brandão e PROJETO FILLINTO MULLER. Não restam

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI.

alternativas às famílias ribeirinhas, entre elas, as dos índios Arara, diante da velocidade com que vêm, estes empreendimentos, ocupando a região, submetendo a população às regras estipuladas pelo poderio econômico, através da atuação de pistoleiros que garantem às firmas, a "fiscalização" das terras limítrofes ao curso dos rios.

Diante deste quadro, os índios Arara, estabelecendo-se, "ora aqui, ora ali", reivindicam o acesso e garantia de suas terras de origem, desabitadas, formadas por densa mata rica em seringaais e castanhais. Os seringueiros, descendentes das levadas de nordestinos e amazonenses, chegados à região no início do século, permanecem sem saída e a mercê da própria sorte. Referem-se aos rios Guariba e Aripuanã, como "rios esquecidos" pelos órgãos governamentais, e, conseqüentemente sua população, desprovida de quaisquer garantias, sem terras, sem atendimento de saúde e sem educação escolar.

\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*

*Hautes*



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO - FUNAI

4 - DADOS DEMOGRÁFICOS DOS ÍndIOS ARARA: População atual e gerações anteriores — Caracterização das relações matrimoniais - casamentos entre índios e não-índios.

Neste item do trabalho, constam a relação da população Arara atual, por sexo e faixa etária, bem como, de gerações anteriores e dados sobre a situação de cada família.

Pelos dados colhidos, chegamos a montar a árvore genealógica dos índios Arara do rio Branco, remontando às famílias da época do contato, que apresentaremos adiante. Não foi possível montar o mesmo quadro dos Arara do Guariba, devido a insuficiência de dados.

Pelo levantamento demográfico, observa-se que há apenas duas famílias Arara, em que não se verifica o casamento com não-índios. Desde a época do contato, havia uma preferência dos extratores de seringa em casar-se com as índias Arara. Em gerações posteriores, passa a existir o casamento entre índios Arara com mulheres brancas, o que acentuou a miscigenação entre índios e brancos.

Ad questionar o critério racial, como definidor de um grupo étnico, a Antropologia Social dá um passo, no sentido de buscar novos conceitos, reconhecendo ser atualmente a identidade étnica, que melhor se ajusta. O fator miscigenação entre grupos indígenas e sociedade envolvente foi abordado por Manuela Carneiro da Cunha, no "Parecer sobre os critérios de identidade étnica", onde discorre:

— "A miscigenação, no caso do indígena brasileiro, foi fruto primeiro de alianças entre portugueses e índios, no período que antecede a colonização propriamente dita (1500 - 1549), acrescida mais tarde de u-

*Bart*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

niões fruto da violência. Foi corrente também, a partir do século XVII, o casamento, sugerido pelos senhores de escravos, entre escravos negros e índios das aldeias, no intuito de atrair os índios fora das aldeias em que haviam sido estabelecidos após terem sido "descidos" dos sertões. Tentava-se, assim, escravizar de fato os índios que estavam sob a jurisdição dos missionários. Tudo isso é explicitamente descrito na Carta Régia de 19 de fevereiro de 1696, que tenta reprimir esses abusos. A partir de 1755 e em toda a legislação Pombalina, o Estado promove a miscigenação, recomendando casamentos de brancos e índias e até favorecendo-os com regalias. Lembremos, enfim, que a própria política de aldeamento reunia grupos indígenas distintos e favorecia a miscigenação entre eles.

Esta política de miscigenação, iniciada por Pombal no intuito confesso de criar uma população homogênea livre, acaba servindo, com anos mais tarde, de pretexto à espolição das terras das aldeias em que haviam sido instalados os índios. Logo após a chamada Lei das Terras (Lei nº 601, de 18.09.1850), várias aldeias indígenas de Goiás, Ceará, Sergipe, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo são declaradas extintas, sob a alegação de ser sua população apenas mestiça. É de se notar, como o fez Beatriz Góis Dantas (1980: 168), que se até os anos 1840 ninguém punha em dúvida a identidade indígena dos habitantes dos aldeamentos, a partir da Lei das Terras haverá, ao contrário, esforço explícito de usar a mestiçagem para descaracterizar como índios aqueles de quem se cobiçam as terras." (5)

A configuração desta situação, é mais que notória na conturbada realidade agrária do país, onde índios, mestiçados ou não, encontram sérias barreiras para terem suas terras garantidas, e mesmo, com estas demarcadas, sofrem os mais diversos tipos de pressão ou coação para que sejam invadidas na in-

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - F U N A I

tonção, entre outras, de se extrair destas, ríquozas minerais e outros recursos naturais. É evidente que a caracterização de remanescentes indígenas, na qual inscre-se o fator miscigenação, compreendendo o grupo abordado neste trabalho, torne-se um empecilho para que a sociedade nacional resgate, para com estes povos, uma dívida histórica, reconhecendo e conferindo-lhes o direito e a garantia de retornarem às suas terras de origem, onde possam viver com segurança, livre de ameaças e com acesso aos atendimentos de saúde e educação escolar, como almejam.

Passaremos a seguir, à relação das famílias visitadas:

ÍNDIOS ARARA DO RIO BRANCO:

<u>Nome:</u>	<u>Idade aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Rodrigo Vela .....	60 anos.	..... M
Anita Vela .....	50 "	..... F
João Vela .....	23 "	..... M
Manoel Vela .....	22 "	..... M
Raimundo Nonato Vela .....	14 "	..... M
Gracilene Vela .....	05 "	..... F
T o t a l : .....		06

Atualmente esta família mora na cidade de Aripuanã, já tendo residido em várias colocações do rio Aripuanã, após saírem do rio Branco. Adquiriram um lote próximo à cidade de Aripuanã, sem contudo, terem recebido o título correspondente. Tentaram retornar ao rio Branco, a dois anos atrás, mas foram impedidos de lá permanecerem. Alguns membros desta família

foram encaminhados para tratamento de tuberculose em Vilhena.

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ÍNDIOS ARARA DO RIO BRANCO:  
(Continuação)

<u>Nome:</u>	<u>Idade aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Deocrácio Vela .....	40 anos.	M
Irene (branca) .....	40 "	F
Maro .....	16 "	M
Raimundo .....	04 "	M
Valdenor .....	07 "	M
Eliven .....	06 "	M
Aldenora .....	05 "	F
T o t a l : .....		07

Deocrácio Vela, irmão de Rodrigo Vela, reside na co-  
locação "Careca", aproximadamente a 4 anos, situada a 20 minutos  
da cachoeira das Pimentas, sentido montante, margem direita do  
rio Aripuanã - área da COLNIZA.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Ezídio .....	42 anos.	M
Idelmar .....	21 "	M
Marinês .....	19 "	F
Gosinei .....	17 "	M
Valdinei .....	15 "	M
Idelvar .....	10 "	M
Gracinei .....	08 "	F
T o t a l : .....		07

A família de Ezídio vive na cidade de Aripuanã, sen-  
de este, viúvo de mulher branca. Trabalha na chácara de INPA,

*Santos*



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

na referida cidade, como braçal. Ezídio, que nasceu no rio branco, é irmão de Anita (por parte de mãe), mulher de Rodrigo, sendo filho de pai peruano.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Adaris .....	40 anos. ....	M
Rita (branca).....	42 " ....	F
Elison (filho de criação).	04 " ....	M
T o t a l : .....		03

Adaris nasceu no rio Branco. É filho de Matias e Francisca Arara, trabalhando atualmente em fazenda que está sendo aberta no igarapé Pagão, margem esquerda do Aripuanã. Trabalha também na extração de seringa, devido seu salário ser bastante reduzido. A criança que estão criando, é filha de Ezilda, índia Arara do Guariba, que vive na cidade de Aripuanã. Esta família encontrava-se residindo no igarapé Pagão apenas a um mês. Moravam anteriormente na colocação Campo Grande e em outras colocações do rio Aripuanã. Rita viveu durante muito tempo entre os Arara, no rio Branco e na colocação Campo Grande.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Raimunda .....	30 anos. ....	F
Chico (branco) .....	35 " ....	M
Claudeci .....	09 " ....	M
Aldeci .....	07 " ....	M
Claudemi .....	05 " ....	M
"menina" .....	02 " ....	F
T o t a l : .....		06

Esta família vive na colocação Campo Grande, localiza

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI.

da a 10 minutos de motor, da boca do rio Mureru, sentido jusante, margem esquerda do rio Aripuanã. Raimunda é filha de índia Rikbáktsa com nordestino, nascida no rio Branco; sua mãe praticamente foi criada entre os índios Arara, no rio Branco, falando tanto a língua Arara, quanto a de seu grupo de origem. Seu ex-marido, Goncha, era pagé, de acordo com os padrões culturais dos Arara. Atualmente, Raimunda está casada com branco, tendo com este uma filha. Nas roças da colocalção Campo Grande já foram encontrados uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica e 04 machados de pedra, o que caracteriza esta área como sítio arqueológico.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Guilhermina .....	85 anos. ....	F
Nonato .....	19 " .....	M
T o t a l .....		02

Guilhermina, índia Arara, nascida próximo a cachoeira da Palmeirinha, rio Branco, filha de pais Arara, encontra-se em estado de saúde muito grave, em parte à idade avançada. Mora na casa de uma mulher branca que cuida dela e de Nonato, deficiente mental. Não se levanta mais da rede. Tem lembranças vivas de seu povo, mas, fala com dificuldade acentuada. No seu breve relato, disse da ocupação dos índios Arara entre o rio Branco e Guariba, tendo recordado embates havido entre estes e os temíveis Cabeça-Seca (Zoró)"que agarravam as flechas no ar, disparadas contra eles."

Além das famílias relacionadas, há a que vive em Aríquemes, da qual pudemos constatar, em correspondência, seu interesse em retornar ao rio Branco para viver com seus parentes. Trata-se da família de João Vela, irmão de Rodrigo, casado com

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Bibiana (2 filhos) , irmã de Anita e Ezídio. Há também, uma tia de Rodrigo, Maria de Lurdes, que vive em Manaus e gostaria de retornar ao rio Branco, caso tenham sua área assegurada.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Antonio Batista .....	47 anos. ....	M
Raimunda (branca).....	36 " .....	F
Maria Sebastiana .....	20 " .....	F
Francisco .....	19 " .....	M
Jander .....	18 " .....	M
Jocineide .....	16 " .....	F
Jocicleide .....	11 " .....	F
Roberval .....	09 " .....	M
Rosalvo .....	07 " .....	M
Rosa .....	05 " .....	F
Rosângela .....	03 .....	F
Marcos .....	01/8 m. ....	M
<b>T o t a l :</b> .....		<b>12</b>

Esta família mora na colocação Marau, e cerca de 20 anos, hoje, parte do latifúndio de Marinho Brandão. Esta colocação localiza-se próximo à Boca do Igarapé Pacutinga, na margem esquerda do Aripuanã. Batista é filho de índia Arara, do Queribe, com pareibano. Nascido no igarapé Pachiúba, afluente da margem esquerda do rio Aripuanã, seu filho Francisco é casado com branca e não tem filhos, morando em colocação próxima à do pai.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Lourenço .....	42 anos. ....	M
Raimunda (branca) .....	35 " .....	F

*Stauras*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ÍNDIOS ARARA DO RIO BRANCO:

(continuação)

Raimundo Lourenço.....	17 anos.	.....	M
Ana Maria (BRANCA).....	15 "	.....	F
Ana Lúcia .....	10 "	.....	F
Valdeana .....	07 "	.....	F
Raimunda .....	05 "	.....	F
Franci .....	03 "	.....	M
Valde .....	02 "	.....	M
Jeovani .....	07 meses	.....	M
T o t a l : .....			10

Lourenço é irmão do Batista e vive na colocação Bem Futuro, localizada a 30 minutos de motor, sentido jusante, da corredeira dos Veados, margem direita do Aripuanã. Também nasceu no Igrapé Pachiúba, habita esta colocação a cerca de 17 anos. Lourenço já viveu no Rio Branco, bem como sua esposa. A área em que estão, "pertence" à COLNIZA, que chegou à região a 2 anos.

LEVANTAMENTO DEMOGRÁFICO DOS ÍNDIOS ARARA DO RIO GUARIBA:

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Nazaré .....	± 75 anos. ....	F

Observação: Nazaré foi casada com Raimundo, índio ARARA, filho do Chefe Caetano, segundo a mesma, o último Chefe índio Arara do rio Guariba. Filhos com Raimundo Arara:

Pedro de Paula (Manaus)..	40 anos.	.....	M
Antônio de Paula (Manaus)	45 "	.....	M

*Justos*



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ÍNDIOS ARARA DO RIO GUARIBA - Continuação:

Francisco de Paula (Manaus)	55 anos.	.....	M
Reinaldo de Paula (Porto Velho)	39 "	.....	M
Júlia (Rio Guariba)	+ 55 "	.....	F
Ermojos (Aripuanã)	35 "	.....	M
T o t a l : .....			07

Nazaré é filha de índia Arara (Francisca) com cearense. Atualmente casada com Virgílio, branco, seringueiro, grande conhecedor da região dos rios Guariba e Aripuanã, com quem possui 02 filhos. Reside na Cidade de Aripuanã, tendo nascido no igarapé do Pajurá, afluente do rio Guariba, juntamente com seu marido falecido e os filhos. Nazaré lembra-se da língua materna, não tendo sido possível, no entanto, proceder registro da mesma.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Ezilda .....	38 anos. ....	F
Olvaldo .....	36 " .....	M
Evilazo .....	06 " .....	M
Evenilso .....	03 " .....	F
T o t a l : .....		
04		

Vivem na cidade de Aripuanã. Ezilda é neta de Pedro Corebó, um dos índios Arara que estiveram à frente do grupo que procurou contato com os brancos no rio Guariba. Encontra-se casada com o filho de Nazaré e Virgílio. Já morou no rio Branco e na colocação Campo Grande.

*Francisco*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ÍNDIOS ARARA DO RIO GUARIBA:

(Continuação:)

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Júlia (filha de Nazaré)	50/55 anos. ....	F
Francisco Lima (marido branco)	70 " .....	M
Francisco Bibiano (filho)	31 " .....	M
Guilhermina (nora)	30 " .....	F
Dionete (neta)	02 " .....	F
Osmar (filho)	21 " .....	M
Leonídio (filho)	22 " .....	M
Conceição (filha)(Manaus)	34 " .....	F
Walter Mota (genro/branco)	40 " .....	M
Motinha (neto)	15 " .....	M
Angela (neta)	17 " .....	F
Iranilda (neta)	08 " .....	F
Iracilda (neta)	09 " .....	F
Iranice (neta)	10 " .....	F
Waltinho (neto)	05 " .....	M
Sidnei (neto)	02 " .....	M
Cristino (filha)(Humaitá)	30 " .....	F
Iraci (neta)	12 " .....	F
Laci (neta)	13 " .....	F
Raimundo (neto)	05 " .....	M
Manoel (neto)	03 " .....	M
Darci (filha)(Humaitá)	23 " .....	M
Manoel (genro/branco)	40 " .....	M
Jocimar (neto)	02 " .....	M
Jovani (neto)	04 " .....	M
Edília (filha)	20 " .....	F
Antônio (genro/branco)	23 " .....	M
Mizacl (neto)	05 " .....	M
Abel (neto)	02 " .....	M
Deuzimar (filha)	15 " .....	F
Raimundo (genro/branco)	23 " .....	M
Sueli (neta)	08 meses .....	F
T o t a l :	.....	32

MOD. 159 - 910x997

Observação: Coleção Esperancinha, localizada 1:00 hora, rio abaixo, margem direita do rio Guariba, em meter rabeta, a partir da ponte da estrada de pedalar.

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - F U N A I

A família de Júlia mora nesta colocação a 6 anos. To- do o parentesco indicado entre parenteses, é com relação à me- mo. Júlia nasceu na localidade denominada Esperancinha, acima da ponte do rio Guariba. Há uma estrada que passa no quin- tal da casa de Júlia, que levará à vila do INCRA, Projeto Fi- linto MBlor. Pouco antes de chegarmos nesta colocação, esta família recebeu ameaça para deixarem o local, por parte do fa- zendeiro Renato, de Júina. Também seu filho, Francisco Bibia- no, foi impedido de estabelecer colocação na outra margem do rio Guariba, próximo à Colocação Esperancinha, pelo mesmo fa- zendeiro, que se diz dono de extensa faixa de terra. Júlia é filha de Nazaré e Raimundo, ambos Arara.  
-x-

Colocação [ortaleza: localizada na boca do igarapé Fortaleza, margem direita do rio Guariba.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Maria Arara <i>sobrinha de Júlia</i>	30 anos.	F
Raimundo Reis (branco)	30 "	M
Cleude (filha)	09 "	F
Antônio (filho)	08 "	M
Carlos (filho)	04 "	M
Francisco (filho)	01/02 meses	M
<b>T o t a l :</b>		<b>06</b>

Maria Arara é filha de Dongrilo, irmão de Nazaré com Vicença Paula, índia Arara. É neta de Chico Paulo e de Ro- sa Paulo. Vivem igualmente da extração da seringa e de outros produtos nativos. Comercializam sua produção com um único mar- retreiro, não podendo proceder de igual maneira com outros in- termediários.

*Auto*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ÍNDIOS ARARA DO RIO GUARIBA:

(Continuação):

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada</u>	<u>Sexo:</u>
Maria Chacuri .....	75/80 anos. ....	F
Eduardo (filho) .....	36 anos. ....	M
Antônio (filho) .....	35 " ....	M
Luísa (filha) .....	não se sabe .....	F

Maria Chacuri, nascida no rio Guariba\*, tem 3 filhos, sendo que os dois homens vivem entre a cidade de Aripuanã e o garimpo do Natal, quando suas mulheres, ambas não-índias, permanecem na cidade. Antônio é casado com Maria de Souza e tem 7 filhos. Eduardo é casado com Etelvina e tem 8 filhos.

Filhos de Antônio:

Filhos de Eduardo:

Francisco .....	17 anos:	Raimundo .....	17 a.
João .....	15 "	Edil .....	15 "
Clonéia .....	10 "	Marta .....	12 "
Lucinéia .....	09 "	Sebastião .....	08 "
Rosineide .....	08 "	Nice .....	09 "
Antônio .....	05 "	Deni .....	04 "
Maria Nete .....	00 meses	Denise .....	04 "
		Denilson .....	02 "
T o t a l : .....			21

Maria Chacuri, nascida nas cabeceiras do Moacir\*, aflui ante da margem direita do rio Guariba. Seu pai fora morto pelos índios Cinta-Larga, recusando-se a mesma, falar do passado que se relaciona com a história dos índios Arara. Em 1986, seu filho Eduardo foi expulso, com toda família, da boca do rio Canumã, por pistoleiros, juntamente com Delegado de Aripuanã, que não se encontra mais por lá. Foram expulsos, na época, mais de

*Jauro*



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI .

cinco famílias de seringueiros. Notamos haver um grande temor por parte dessas famílias expulsas, sem falar, que tiveram o direito de retornarem ao local, nem para recolherem a criação, os produtos das roças ou o leite coalhado de seringa.

Pais de Maria Chacuri: Antônio e ? - diz não se lembrar o nome de sua mãe. Segundo outros índios, Maria Chacuri fala a língua Arara e tem a memória tribal das mães vivas.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Nazário .....	43 anos .....	M
Maria da Graça (branca) ..	30 " .....	F
Antonio .....	16 " .....	M
Ana Lúcia .....	14 " .....	F
Raimundo .....	07 " .....	M
Eliese .....	06 " .....	M
Francisco .....	02 " .....	M
T o t a l : .....		07

Nazário nasceu no rio Guariba, filho de pais Arara, tendo saído deste rio a 9 anos atrás e morado na colocação denominada Bom Jesus, próximo do igarapé Piranha, na colocação Careco, e dentro do Piranha. A colocação em que vivem atualmente, denomina-se Mandioca, situada em uma ilha do rio Aripuanã, próxima a boca do igarapé Caniço. Esta área "pertence" à COLNIZA que não tem permitido Nazário fazer roça. Não sabem até quando poderão ficar neste local, onde recentemente, receberam uma carta da COLNIZA para deixem esta colocação, sem terem perspectivas de onde poderão se alojar. A mãe de Nazário era irmã da mãe de Batista e Lourenço.

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ÍNDIOS ARARA DO RIO GUARIBA:

Continuação:

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Angela .....	56 anos. ....	F
José (filho) .....	37 " .....	M
Raimundo (filho) .....	24 " .....	M
T o t a l : .....		03

Filha de índia Arara e peruano, nasceu no rio Guariba, tendo vivido em várias colocações do mesmo rio. Vivem na colocação Vista Alegre, localizada a 1 hora, rio abaixo, da boca do igarapé Tucumã, margem esquerda do rio Guariba. Angela é viúva de peruano, pai de seus 2 filhos.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Maria benedita .....	28 anos. ....	F
Álvaro (branco) .....	33 " .....	M
Edite .....	14 " .....	F
Simão .....	11 " .....	M
Maria Margaroto .....	10 " .....	F
Angela .....	04 " .....	F
Ediane .....	02 " .....	F
T o t a l : .....		07

Maria Benedita é filha de Angela e vive na colocação Biquadé, localizada a 1:30 de motor, rio abaixo, da colocação Vista Alegre, na margem direita do rio Guariba. Moram neste local a cerca de 2 anos.

*Handwritten signature*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ÍNDIOS ARARA DO RIO GUARIBA:

(Continuação):

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Walto Paulo .....	44 anos. ....	M
Maria Lucinda (branca) .....	30 " .....	F
Clomilda .....	17 " .....	F
Auxiliadora .....	20 " .....	F
Walto Paulo Filho .....	12 " .....	M
Total : .....		05

Filho de Chico Paulo Arara e Rosa Paulo, vivem na co-  
locação Santa Maria Goreti, localizada na margem direita do A-  
ripuanã, boca do Roosevelt. Sua filha Lucinda, mora na boca  
de Guariba. Vivem à cerca de 4 anos nesta colocação.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Chico Paulo .....	72 anos. ....	M
Rosa (branca) .....	60 " .....	F
João Paulo .....	22 " .....	M
Alexandre Paulo .....	30 " .....	M
José Paulo .....	25 " .....	M
Sebastião (nora/branca) ...	18 " .....	F
Clomilda .....	04 " .....	F
Paulo .....	09 meses .....	M
Elicte .....	02 anos. ....	F
T o t a l : .....		09

Chico Paulo é filho de mãe Arara e pai nordestino, nas-  
cido no igarapé Água Branca, vivem na colocação Tui-iu-ê, loca-  
lizada a 1:50 hr. de motor, rio abaixo, partindo-se de Matá-Matá

(Ass)  
Jaula

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

ÍNDIOS ARARA DO RIO GUARIBA: Continuação.

<u>Nome:</u>	<u>Idade Aproximada:</u>	<u>Sexo:</u>
Rufino Paulo (Don Grilo) .....	40 anos. ....	M
Raimunda (filha/Humaitá) .....	24 " .....	F
Maria da Graça (filha) .....	23 " .....	F
Maria Mescleide .....	16 " .....	F
Pedro .....	20 " .....	M
João .....	17 " .....	M
<b>T o t a l :</b> .....		<b>06</b>

Rufino Paulo é filho de mãe Arara o pai nordestino, irmão de Chico Paulo e Nazaré. Esta família encontrava-se em Matá-Matá, por motivo de saúde. Vivem na colocação Pajurá, localizada na boca do igarapé de mesmo nome, afluente da margem esquerda do rio Guariba.

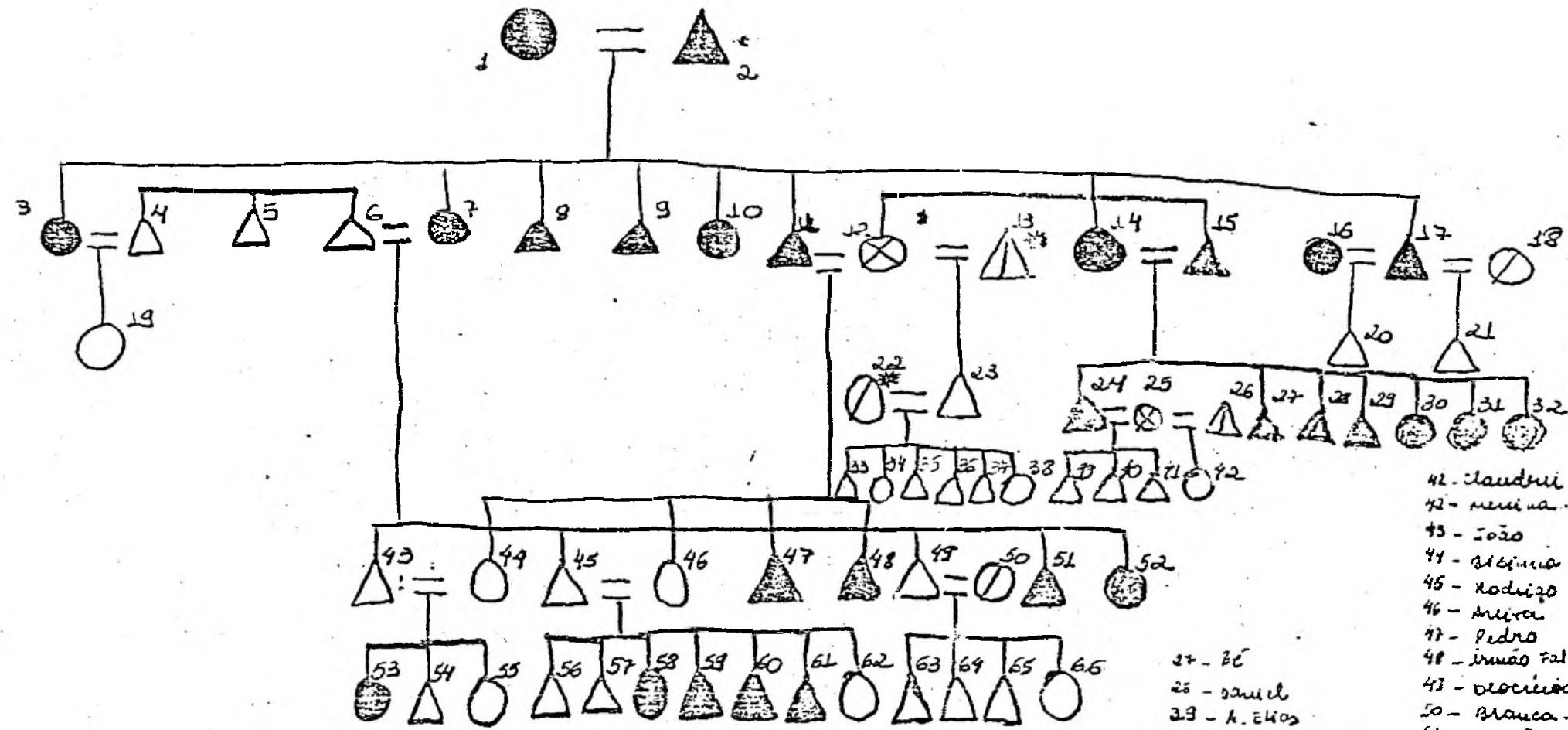
Total da população dos Índios Arara recenseada ..... 160\*

\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*

\* Incluem-se neste total 19 brancos casados com índios Arara



47A



- \* - Fallecidos
- △ = ○ - Fallecidos
- △ - Branco
- ⊗ - India Ricabassa
- 1 - Leiza
- 2 - Mãe Matheus de Lotrejo Velho
- 3 - Vicença
- 4 - Adica
- 5 - Ioa

- 6 - Miguel *de Almeida*
- 7 - Amunzi
- 8 - Jacinto
- 9 - Manuel *de Almeida*
- 10 - Chiquinha
- 11 - Francisco
- 12 - Madalena (India Ricabassa)
- 13 - Branco - Pericuro
- 14 - Israel
- 15 - Brã
- 16 - Francisca

- 17 - Mateus
- 18 - Branca - Mãe Calígula
- 19 - Maria de Lurdes (Manaus)
- 20 - Adaria
- 21 - mundinho
- 22 - Branca
- 23 - Estácio
- 24 - Goncha
- 25 - Laimunda (Filha de India Ricabassa)
- 26 - Branco - Chico

- 27 - Zé
- 28 - Daniel
- 29 - A. Elias
- 30 - Maria
- 31 - Vir
- 32 - Nogueira
- 33 - Idelmar
- 34 - Manuel
- 35 - Gerina
- 36 - Valdeir
- 37 - Idelmar
- 38 - Gerina
- 39 - Claudete
- 40 - Andrei

- 41 - Claudete
- 42 - Mariana
- 43 - João
- 44 - Helena
- 45 - Rodrigo
- 46 - Mirra
- 47 - Pedro
- 48 - Imão Fil. de Lurdes
- 49 - Orosio
- 50 - Branca - Euel
- 51 - Nivaldo
- 52 - Tracena
- 53 - Milia
- 54 - Carlos
- 55 - Neusa
- 56 - João
- 57 - Manoel
- 58 - Mirra
- 59 - Alexandre
- 60 - Jair
- 61 - R. Noraldo
- 62 - Graciele
- 63 - Laimundo
- 64 - Valdeir
- 65 - Elivan
- 66 - Aldemar

Fonte



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

5 - ÁREA PROPOSTA PARA INTERDIÇÃO: Limites, locais de ocupação antiga, ocupação de não-índios, caracterização jurídica, vias de acesso e recursos naturais. ...

A partir dos itens abordados anteriormente, será agora configurada a proposta da área em si, bem como, os vários aspectos observados que digam respeito a caracterização da mesma.

Antes porém, de apresentar a proposta, relataremos rapidamente como se chegou a esta. No primeiro percurso feito pelos dois rios, tínhamos as referências, tanto das famílias que vivem na cidade de Aripuanã, quanto das que habitam na beira dos rios, com relação aos seus locais de origem. Foi um tanto quanto complicado chegar-se a uma proposta consensual, dado a dispersão das famílias ao longo dos rios, sendo que a maioria destas mudam-se com certa frequência entre as várias colocações (fixas), enquanto que outras, como a do Batista, do Lourenço e de Raimunda (colocação Campo Grande) encontram-se radicadas a bastante tempo, mais ou menos 20 anos, no local onde habitam atualmente. Após conversar com todas as famílias dos remanescentes dos índios Arara e percorrer o rio Branco, da boca até a divisa com a Área Indígena Aripuanã, trecho em que esses índios vêm sendo impedidos de retornar, por uma pessoa conhecida na região por "Joaquinzão" - apesar deste não residir no local, e sim próximo a cidade de Aripuanã - voltamos novamente até a colocação Campo Grande, parando junto às famílias que ainda mantinham-se indefinidas, para amadurecer a proposta da Área, que seria no rio Branco, já definida para outras famílias. Todos concordaram que o local onde podem se reagrupar, é a sua área de origem.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - F U N A I

Deixando claro que diante da insegurança de permanecerem vivendo nas atuais colocações, o mais viável seria a de terem sua área de origem garantida, pensando-se inclusive em buscarem uma saída comum para o escoamento da produção, sem intermediários, consideram ainda que não poderiam permanecer onde se encontram, mesmo que fossem esses locais demarcados, isoladamente, pois seria mais dificultoso de se manter uma fiscalização efetiva de várias áreas. Quanto aos índios do Guariba, a proposta também ficou como a do rio Branco, coincidindo com a sua área de origem, formando assim uma área contínua, ligando o rio Aripuanã ao seu afluente, Guariba, protegendo-se as cabeceiras dos igarapés, locais de ocupação antiga, à ambos, onde foram contactados.

Esclarecemos, que o trecho do rio Guariba incluído nesta proposta, não foi percorrido por água, onde somente realizamos sobrevôo e coletamos informações junto a índios Arara e alguns seringueiros que habitaram estes locais.

É a seguinte, a Área proposta para interdição:

- 1º Da boca do rio Branco, afluente da margem esquerda do rio Aripuanã, seguindo-se no sentido jusante acompanhando a margem esquerda do rio Aripuanã até a boca do Igarapé Caniço, margem esquerda do Aripuanã;
- 2º Da boca do Igarapé Caniço, seguindo no sentido montante, acompanhando a margem direita do mesmo, até suas cabeceiras.
- 3º das cabeceiras do Igarapé do Caniço, partindo em linha seca até a boca do rio novo, afluente da margem direita do rio Guariba;

*Santos*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 4º da foz do rio Novo, seguindo sentido montante pela margem direita do rio Guariba até encontrar a foz do igarapé do Moacir;
- 5º da foz do igarapé do Moacir, seguindo no sentido montante deste igarapé até o encontro do mesmo com o picadão existente no Paralelo 10º (divisa da Área Indígena Aripuanã);
- 6º seguindo por este picadão até o rio Branco, altura da cachoeira da palmeirinha;
- 7º partindo do rio Branco, altura do Paralelo 10º, em linha seca, da margem direita do rio Branco, até encontrar a sua foz no rio Aripuanã.

Como já dissera anteriormente, as cabeceiras dos principais igarapés do rio Branco, afluente do Aripuanã, confundem-se com as cabeceiras do rio Novo e Igarapé Moacir, afluentes do rio Guariba. Esta região é muito rica em seringueiras, castanhaes, açaiéis, copaibas e outras espécies nativas utilizadas pelos índios Arara e formada por mata Amazônica bastante densa, rica em caça e pesca.

Por que a interdição da Área?

— Como vimos anteriormente, esta Área que está sendo proposta é a área de origem dos índios Arara que porém, encontra-se desabitada. Em toda a extensão proposta, o único trecho em que há presença de não-índios, é no que corresponde ao item 4º, da descrição acima, onde existem 3 colocações de seringueiros.

A proposta de interdição da Área, que juridicamente se caracteriza como Área Imemorial Indígena, de acordo com o Artigo 25 do Estatuto do Índio e 198 da Constituição, visa por-

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

sibilitar o reassentamento das famílias remanescentes dos índios Arara nestes limites, para posterior proposta de demarcação definitiva, a partir do trabalho a ser desenvolvido pela ADR de Vilhena, com a qual já sondamos esta possibilidade. Desta maneira, visamos, com uma medida Administrativa e com respaldo jurídico, garantir que todas as famílias que objetivam retornar ao seu local de origem, tenham este direito assegurado.

A foz do rio Branco, localiza-se a 6 horas de motor rebota, da cidade de Aripuanã. Há ainda uma estrada que sai da referida cidade e chega até a margem direita do rio Branco, pouco acima do Paralelo 10º. Esta área, atualmente interditada, não incluída na demarcação da Área Indígena Aripuanã, está sendo objeto de grilagem, conforme constatamos. Interditando-se esta Área, o rio Branco e seus afluentes estariam todos protegidos da depredação, pois suas cabeceiras situam-se no interior da AI Aripuanã.

Durante 6 dias percorremos o rio Branco, da sua foz até a altura do Paralelo 10º. Constatamos que a picada do Paralelo 10º só chega até a margem esquerda do rio, permanecendo a outra margem, sendo ocupada por grileiros. Neste trecho do rio Branco, constatamos não haver ocupação de não-índios, existindo duas habitações palafitas, no estilo regional, ambas abandonadas. Há uma pista de pouso abandonada e totalmente coberta pelo mato, em local denominada Capivara. Parece-nos que há superposição de títulos nesta região, que será esclarecido em relatório do Engenheiro Agrimensor que participou da equipe.

Durante este percurso, o índio Arara Rodrigo, nos mostrou os vários locais ocupados antigamente por seus parentes (igapó Taboca, Três Tombos, Cachoeira da Palmeirinha, igapó



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI.

(Encronca, cemitério, na margem direita, esteios do barracão de Olegário Vela, etc...).

O rio Branco, bem como o Guariba, secam bastante, de agosto a outubro, dificultando o transporte fluvial, mesmo de canoa, em certos trechos do rio. Antigamente os Arara percorriam, à pé, por um varadouro que ia da boca do rio Branco, até a cachoeira da Palmeirinha, quando se fazia necessário.

Procuramos neste relatório, abordar aspectos e temáticas que consideramos relevantes para a compreensão da realidade vivida pelos remanescentes dos índios Arara de rio Guariba e rio Aripuanã, procurando refletir sob os diversos ângulos pelos quais poderíamos percorrer, a fim de identificarmos a área deste grupo.

Acrescentamos que, além desta proposta, elaboramos outras duas propostas de Interdição de Áreas de índios isolados, habitantes da região do Rio Mureru e Igarapé Pacutinga e, Igarapés Buiussú e Paxiúba. Essas propostas foram encaminhadas, preliminarmente para a ADR de Vilhena, para apreciação, e, posteriormente estaremos encaminhando também à SUAF - DSB.

Salientamos, que com a iniciativa do Padre Manoel Valdez, do CIMI-RO, ao percorrer a região do rio Aripuanã em 84, 85 e 86, registrando a existência dos remanescentes Arara, abriu-se a perspectiva destes índios virem a ter uma área garantida, apesar da proposta aqui apresentada não coincidir com as propostas elaboradas pelo mencionado padre.

Os locais a serem abertos as colocações ficarão a cargo da comunidade que poderá ocupar toda a margem dos rios e igarapés incluídos nos limites. Torne-se necessário, a partir de

*Stavros*



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

interdição da Área, a instalação de um Posto Indígena, no rio Branco, que deverá atender prioritariamente as necessidades da comunidade, no que diz respeito aos seguintes itens:

- 1º) Apoio logístico para cada família de índios Arara ter condições de promover seu retorno ao rio Branco (barco, motor, combustível, etc...) e rio Guariba.
- 2º) Instalação de uma enfermaria, junto ao Pin, inclusive com um programa de vacinação básica.

Como esta região, está sob jurisdição da ADR Vilhena, este trabalho poderá ser efetuado através desta Administração Regional, para a qual estamos enviando cópia deste relatório.



Cuiabá, 15 de setembro de 1987.

*Vera Lopes dos Santos*  
VERA LOPES DOS SANTOS  
Antropóloga 2ª SUER.

# RELATÓRIO DE VIAGEM

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

BIBLIOGRAFIA CITADA

1- Hugo, Vitor . DESBRAVADORES. Humaitá, Missão Salesiana Humaitá, 1959.

2- Ribeiro, Darcy. OS ÍNDIOS E A CIVILIZAÇÃO. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977. Pg. 27

3- Ribeiro, Darcy. Idem . Pg 422

4- Cunha, Manuela Carneiro da. ANTROPOLOGIA DO BRASIL : MITO , HISTÓRIA , ETNICIDADE. São Paulo, Brasiliense, Editora da Universidade de São Paulo, 1986. Pg. 128

5- Cunha, Manoela Carneiro da. Idem . Pg 114

*Handwritten signature*

\*\*\*\*\*

SUPRIMENTO Nº: ..... PRAZO DE APLICAÇÃO: .....  
 AUTORIZAÇÃO DE VIAGEM Nº: .....  
 REQUISIÇÃO DE PASSAGEM Nº: ..... TRECHO: .....

MÊS	DIA	ATIVIDADE DESENVOLVIDA
-----	-----	------------------------

57

**RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA ARARA BEIRADÃO:**

Iniciamos os trabalhos de campo à partir do dia 21 de abril, sendo que o Grupo de Trabalho, constituído pela Portaria 1761/86 e 515/87, formado por uma Antropóloga, a servidora VERA LOPES DOS SANTOS coordenadora dos trabalhos; um ENGENHEIRO AGRIMENSOR; e um Técnico Indigenista, o servidor, EGIPSON NUNES CORREA; dois Técnicos Agrícolas, sendo um do INCRA e outro do INTERMAT; e ainda mais um índio ARARA, RODRIGO VELA e dois pilotos práticos para os barcos; pois o meio de acesso para se chegar às famílias de índios ARARA. É hidro viário.

As famílias de índios ARARA, estão localizadas às margens dos RIOS ARIPUANA e GUARIBA. O percurso FLUVIAL iniciou-se na PONTE DO RIO GUARIBA, da estrada que dá acesso ao PROJETO DO INCRA de assentamento de colonos, denominado "PANELAS", próximo à cidade de ARIPUANA. seguimos pelo RIO GUARIBA, até sua BOCA com RIO ARIPUANA, daí seguirmos, sentido à jusante, pelo RIO ARIPUANA até uma vilinha, que fica situada à beira da RODOVIA TRANSAMAZONICA, com a margem esquerda do RIO ARIPUANA, denominada MATA-MATA. Daí prosseguimos, pelo citado RIO, sentido à jusante até uma colocação denominada de PRAINHA. A partir daí, iniciamos nosso percurso de volta, com destino à cidade de ARIPUANA, situada à margem direita do RIO ARIPUANA seguimos então pelo citado rio sentido montante até a BOCA DO RIO BRANCO; daí seguimos pelo citado RIO sentido montante até o PARALELO 10º00' 00", limite NORTE da ÁREA INDÍGENA ARIPUANA; daí seguimos, pelo RIO BRANCO, sentido jusante, até sua BOCA com RIO ARIPUANA, daí seguimos pelo RIO ARIPUANA, sentido montante até a cidade de ARIPUANA. Nesse trajeto percorremos mais de 1.000 Km de RIOS. Retornamos para Cuiabá entre 12 e 15 de junho. O sobrevôo da Área somente foi realizado nos dias 3 e 4 de agosto; não acompanhei o sobrevôo, da Área, pois estava à serviço, em outro Grupo de Trabalho. Na região do VALE DO GUAPORÉ; os integrantes do Grupo que acompanharam o sobrevôo foram os servidores, VERA LOPES DOS SANTOS, Antropóloga; ANTONIO VITORINO GONÇALVES, Técnico em Agrimensura; e LUIZ FILIPE DE FIGUEIREDO, Assistente Administrativo; sendo que os 02 últimos servidores não fazem parte do Grupo de Trabalho. Constituído pela Portaria 1761/86 e 515/87.



Concluimos os trabalhos de campo e da parte de escritório elaboramos memorial descritivo e confeccionamos o mapa da Area proposta para interdição e posterior acatamento dos indios ARARA, que estão desaldeados;



Glaucus Chaves de Souza  
Assessor Especial  
PP. 1434/57

RESPONSÁVEL:

VISTO: CHEFE IMEDIATO

NOTA: O detentor de diárias e/ou suprimento de fundos, deverá discriminar a atividade desenvolvida durante o dia em que estiver em campo, cidades ou capitais.  
Na existência de Postos Indígenas, "Administrações Regionais no local onde estiver sendo executado o trabalho, o presente relatório deve conter o visto das respectivas chefias.



# MAPA DA AREA



MINISTERIO DO INTERIOR  
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO  
 - FUNAI - 2ª. SUER - D F U  
 DIVISÃO FUNDIÁRIA

MEMORIAL DESCRITIVO DE  
 IDENTIFICAÇÃO E DELIMI  
 TACAO - ANEXO A  
 PORTARIA No. \_\_\_\_\_

D E N O M I N A C A O

AREA INDIGENA ARARA

ALDEIAS INTEGRANTES

DISPERSOS

GRUPOS INDIGENAS

ARARA

L O C A L I Z A C A O

MUNICIPIO: ARIPUANA | ESTADO: MT

CIDADE REGIONAL DA FUNAI: VILHENA /RO

COORDENADAS DOS EXTERMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	9º32'55"S	59º28'38" W.Gr
LESTE	9º46'29"S	59º23'55" W.Gr
SUL	10º00'00"S	59º36'54" W.Gr
OESTE	9º51'08"S	60º05'35" W.Gr

BASE CARTOGRAFICA

N O M E N C L A T U R A	ESCALAR	ORGAO	ANO
MIR 272 MIR 271	1:250.000	I.B.G.E.	1982

D I M E N S O E S

AREA : 242.776,00 HECTARES  
 PERIMETRO: 224.043,00 METROS

AREA: DUZENTOS E QUARENTA E DOIS MIL E SETECENTOS E SETENTA E SEIS HECTARES



MINISTERIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO  
- FUNAI - 2ª. SUER - D F U  
DIVISÃO FUNDIÁRIA

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO  
ÁREA INDÍGENA RIO BRANCO  
ANEXO

MEMORIAL DESCRITIVO ÁREA INDÍGENA RIO BRANCO (ARARA)

NORTE - Partindo do PONTO "01", de coordenadas geográficas aproximadas 9º39'32" Latitude Sul e 60º06'24" Longitude W.Gr; situado na boca do RIO NOVO, afluente da margem direita do RIO GUARIBA; daí segue pelo RIO NOVO, sentido montante, até o PONTO "02" de coordenadas geograficas aproximadas 9º39'34" Latitude Sul e 60º05'11" Longitude W.Gr; situado na boca do IGARAPÉ SÃO FRANCISCO, afluente da margem direita do RIO NOVO; daí segue por uma linha seca, até o PONTO "03" de coordenadas geograficas aproximadas 9º41'32" Latitude Sul e 59º51'12" Longitude W.Gr; situado na cabeceira do IGARAPÉ DO CANIÇO;

LESTE - Do ponto antes descrito segue pelo situado IGARAPÉ, sentido jusante, até o PONTO "04" de coordenadas geograficas aproximadas 9º32'55" Latitude Sul e 59º28'38", situado na sua confluência com o RIO ARIPUANA; daí segue pelo situado rio, sentido montante, até o PONTO "05" de coordenadas geograficas aproximadas 9º46'29" Latitude Sul e 59º23'55" Longitude W.Gr; situado na boca do RIO BRANCO, afluente da margem esquerda do RIO ARIPUANA; daí segue por uma linha seca, até o PONTO "06" de coordenadas geograficas aproximadas 10º00'00" Latitude Sul e 59º36'54" Longitude W.Gr; situado na margem direita do RIO BRANCO com o paralelo 10º00'00";

SUL - Do PONTO antes descrito, segue por uma linha seca, (paralelo 10º), até o PONTO "07" de coordenadas geograficas aproximadas 10º00'00" Latitude Sul e 59º55'05" Longitude W.Gr; situado na margem direita do IGARAPÉ DO MOACI com o paralelo 10º00'00";

LOCAL:	TECNICO RESPONSÁVEL:	VISTO:
DATA:		

MINISTERIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO  
- FUNAI - 2ª. SEER - D F U  
DIVISÃO FUNDIÁRIA

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO  

---

ANEXO fl. 02

OESTE - Do PONTO antes descrito segue pelo IGARAPÉ DO MOACIR, sentido jusante, até o PONTO "08" de coordenadas geográficas aproximadas 9°51'08" Latitude Sul e 60°05'35" Longitude W.Gr; situado na sua confluência com o RIO GUARIBA: daí segue pelo citado RIO, sentido jusante, até o PONTO "01" de coordenadas geográficas aproximadas 9°39'32" Latitude Sul e 60°06'24" Longitude W.Gr; situado na boca do RIO NOVO com o RIO GUARIBA; inicial da presente descrição.

LOCAL:

TECNICO RESPONSÁVEL:

VISTO:

DATA:



PLANILHA

DE

CALCULO

28/09/1987

MINISTERIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
2ª SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA REGIONAL  
DIVISÃO DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS

Pag. 1

AREA INDIGENA : ARARA DO GUARIBA - RIO BRANCO

CÁLCULO DE ÁREA E PERÍMETRO

* REFERENCIAS	* COORD.ESTE	* COORD.NORTE	* AZIMUTE PANO	* TRANSFORMADA	* LATITUDE	* LONGITUDE
* DEMARCATORIAS	*	*	*	*	*	*
* ESTAÇÃO*A VANTE	* DA ESTAÇÃO	* DA ESTAÇÃO	*ESTAÇÃO-VANTE	* DO LADO	*	*
M1	M2	159,014.185	8,930,745.546	91 3 41.5	2,228.639	-9 39 31.942
M2	M3	161,242.441	8,930,704.250	97 34 5.3	25,856.431	-9 39 33.945
M3	M4	186,873.638	8,927,298.828	59 33 23.8	7,325.176	-9 41 31.957
M4	M5	193,188.894	8,931,010.399	90 5 55.3	6,254.619	-9 39 32.972
M5	M6	199,443.502	8,930,999.628	75 40 58.2	7,698.711	-9 39 34.975
M6	M7	206,903.111	8,932,903.441	130 18 19.0	8,053.860	-9 38 34.973
M7	M8	213,045.054	8,927,693.716	28 0 9.7	13,389.767	-9 41 25.977
M8	M9	219,331.723	8,939,515.081	62 7 39.9	9,868.047	-9 35 2.980
M9	M10	228,055.007	8,944,129.216	160 58 55.9	27,050.250	-9 32 34.978
M10	M11	236,869.669	8,918,555.446	223 10 27.2	34,429.253	-9 46 28.983
M11	M12	213,312.525	8,893,447.000	269 31 9.1	33,251.824	-9 59 59.969
M12	M13	180,061.870	8,893,167.984	326 55 39.2	16,711.017	-9 59 59.950
M13	M14	170,942.686	8,907,171.511	282 2 6.6	10,467.333	-9 52 21.959
M14	M1	160,705.418	8,909,354.031	355 28 46.4	21,458.210	-9 51 7.946

ÁREA = 2,427,765,904 M2      242,776.5904 Ha Perímetro 224,043.137 METROS